

As utopias *indisciplinadas* de um marxismo para o século XXI: o marxismo como crítica da modernidade

Entrevista com Michael Löwy

por Fabio Mascaro Querido*

Resumo:

Em entrevista, via correio eletrônico, ocorrida em 2008, Michael Löwy aborda questões como utopia, romantismo, ecossocialismo, e sobretudo, sua perspectiva metodológica anti-dogmática. A postura criteriosa e, ao mesmo tempo, renovadora de sua ciência é debatida. Permanece a vitalidade de seu pensamento que não dissocia “a análise científica e impiedosa do sistema capitalista e as imagens-de-desejo utópicas”.

Intelectual e militante socialista de origem e vivência franco-brasileira, Michael Löwy destaca-se por sua vasta produção teórica, alojada nos mais diversos campos das ciências humanas. Sua trajetória intelectual consolidou uma obra profundamente *indisciplinada*, à medida que sempre escapou às classificações correntes, jamais permitindo um enquadramento fácil em qualquer um dos lugares-comuns com que se convencionou tratar a especialização crescente das ciências sociais e humanas. Todavia, um alicerce básico e que parece dar o tom de toda a sua obra, é a tentativa incessante, às vezes apaixonada, em costurar os termos das várias afinidades possíveis e necessárias entre as mais diferentes feições assumidas pela crítica e pelos movimentos sociais contra-hegemônicos, desde as peripécias do surrealismo, passando pelas várias visões trágicas de mundo, pelo romantismo revolucionário, até a seriedade militante de Trotsky e Rosa Luxemburgo. Não por acaso, Löwy pode ser considerado um herdeiro legítimo de uma certa tradição teórica (dialética e revolucionária) para a qual o marxismo, em sua unidade teoria-

* Mestrando em Sociologia, Faculdade de Ciências e Letras, FCL – UNESP, Araraquara. Bolsista CNPq, com o projeto *Ecossocialismo, romantismo e marxismo: crítica e autocrítica da modernidade em Michael Löwy*. Correio eletrônico: fabiomascaro@yahoo.com.br.

prática, deve se constituir sobretudo como uma “filosofia da práxis”¹.

Nesta pequena entrevista, realizada por “correio eletrônico” (após um encontro inicial em São Paulo, no dia 4 de julho de 2008), buscamos colocar ao exame do próprio Michael Löwy algumas das questões e/ou eventuais hipóteses de nossa pesquisa acerca das relações entre romantismo e marxismo na obra do autor franco-brasileiro. Deste modo, as questões ora apresentadas assentam-se em uma perspectiva básica que as unifica, a saber: a investigação mais ampla sobre os vários componentes através dos quais Löwy apresenta sua valorização, seja do romantismo, do recente ecossocialismo ou do *Kulturpessimismus* weberiano, como formas de (auto) crítica da modernidade, elementos indispensáveis para se “desenvolver uma crítica marxista da reificação, burocratização e alienação que resultam da racionalidade capitalista moderna”, como ele mesmo nos afirma na entrevista que se segue.

Mantendo-se fiel a tradição – metodológica - historicista e humanista do marxismo (cujas expressões mais célebres foram Gramsci, o Lukács de *História e Consciência de Classe* e Karl Korsch), você parece, a luz da constante atualização histórica da teoria revolucionária, ter construído toda a sua trajetória buscando antever aqueles elementos que mais resistiram a prova da história. Seria essa uma das motivações centrais de sua incursão pelo romantismo, pelas utopias ou pelo messianismo judaico, em cujas críticas do progresso você parece entrever um elemento de verdade histórica?

É difícil saber onde se encontra a “verdade histórica”, mas me parece que o romantismo, em sua vertente revolucionária, nos proporciona pistas interessantes não só para entender os desastres da modernidade capitalista, senão, também, para formular alternativas radicais ao sistema. Inspirando-se em formas sociais ou culturais pré-capitalistas para criticar a civilização industrial e para imaginar um futuro diferente, esta corrente do romantismo transforma a nostalgia do passado em energia revolucionária em vistas de uma utopia emancipatória.

Meu interesse pelo romantismo decorre de seu potencial crítico em relação à modernidade burguesa e da riqueza de suas imagens de um outro mundo possível. Encontramos uma dimensão romântica nos primeiros escritos de György Lukács e em sua grande obra de juventude, *Historia e Consciência de Classe* (1923), assim

¹ Este aspecto se destaca desde sua tese de doutorado (depois publicada em livro) sobre *A Teoria da Revolução no Jovem Marx*, defendida em 1964. Em sua “tentativa de interpretação marxista de Marx”, o alicerce revelador do comunismo marxiano é constituído pela própria teoria da revolução, elemento que unifica e fornece o eixo dos vários outros temas do itinerário do filósofo alemão (economia política, filosofia, história). Em Marx, a formulação de uma nova perspectiva teórica é inseparável da experiência e da práxis política do movimento comunista europeu. Assim, a “filosofia da práxis” é apresentada como o fundamento metodológico de uma nova concepção de mundo, na qual a teoria da revolução subscreve a unidade dialética entre teoria e prática, entre ciência e política.

como nos escritos, ao longo de toda sua vida, de Ernst Bloch. Walter Benjamin, por sua vez, conseguiu integrar momentos românticos, utópicos e messiânicos para “inventar” um materialismo histórico em ruptura radical com o positivismo e a ideologia do progresso linear. Os surrealistas se consideravam herdeiros modernos do romantismo, “a cauda do cometa romântico”, segundo André Breton, que afirmava, ao mesmo tempo, sua adesão à dialética marxista. Existe, portanto, uma ampla corrente “marxista-romântica” - da qual fazia parte, na América Latina, José Carlos Mariátegui – que continuará, sem dúvidas, também no século 21, a inspirar o pensamento revolucionário.

Em sua defesa da renovação crítica – e dialética – do marxismo, a questão ecológica (assim como os alicerces românticos ali presentes) apresenta-se como um elemento decisivo, imprescindível para a revitalização do marxismo como crítica moderna da modernidade, como *autocrítica* da modernidade (postura também presente na obra de Daniel Bensaïd). Qual a contribuição que o “ecossocialismo” pode fornecer à renovação revolucionária do marxismo, como alternativa concreta e emancipatória à crise da civilização moderna/ocidental?

A crise ecológica atual, e a perspectiva dramática do aquecimento global nas próximas décadas, colocam em perigo a sobrevivência de grande parte da humanidade. As soluções apresentadas pelas classes dominantes, no quadro da “economia de mercado”, são totalmente incapazes de enfrentar este desafio, que exige alternativas civilizatórias radicais.

O ecossocialismo é uma corrente de pensamento e de ação, que se volta ao mesmo tempo para a defesa ecológica do meio ambiente e para a luta por uma alternativa socialista. Para os ecossocialistas, a lógica do mercado e do lucro capitalistas conduzem à destruição dos equilíbrios naturais, com consequências catastróficas.

Em ruptura com a ideologia produtivista do progresso - em sua forma capitalista e/ou burocrática - e em oposição à expansão ilimitada de um modo de produção e de consumo incompatível com a proteção da natureza, esta corrente representa uma tentativa original de articular as idéias fundamentais do marxismo com os avanços da crítica ecológica.

A racionalidade estreita do mercado capitalista, com seu cálculo imediatista de perdas e lucros, é intrinsecamente contraditória com uma racionalidade ecológica, que leve em consideração a temporalidade longa dos ciclos naturais. Trata-se de um sistema baseado na concorrência impiedosa, nas exigências de rentabilidade, na corrida atrás do lucro rápido, e que, portanto, é intrinsecamente perverso e destruidor do meio ambiente.

Uma reorganização do conjunto do modo de produção e de consumo é necessária, baseada em critérios exteriores ao mercado capitalista: as necessidades reais da população e a defesa do equilíbrio ecológico. Isto significa uma economia de transição ao socialismo, na qual a própria população - e não as “leis do mercado” ou um *Bureau* político autoritário – decide, democraticamente, as prioridades e os investimentos.

Esta transição conduziria não só a um novo modo de produção e a uma sociedade mais igualitária, mais solidária e mais democrática, mas também a um *modo de vida alternativo*, uma *nova civilização*, ecossocialista, para além do reino do dinheiro, dos hábitos de consumo artificialmente induzidos pela publicidade, e da produção ao infinito de mercadorias inúteis.

Para John Bellamy Foster (2005), as “tentativas dos ‘ecossocialistas’ de enxertar a Teoria Verde em Marx, ou Marx na Teoria Verde (...) jamais poderiam gerar a síntese ora necessária”. Para ele, “o pensamento social de Marx está inextricavelmente atrelado a uma visão de mundo ecológica”, tendo constituído uma concepção fundamentalmente ecológica muito antes da ecologia burguesa do século XX². Como você responderia a isso?

Acho muito importante o trabalho de John Bellamy Foster e tenho muitos pontos de acordo com sua tese. Parece-me, entretanto, que encontramos uma certa indefinição nos escritos de Marx e Engels sobre o meio-ambiente. Por um lado, várias passagens de seus escritos apontam para uma compreensão profundamente acertada do capitalismo como “progresso destrutivo” (o termo é de Marx, no *Capital*), que degrada as condições naturais de toda produção e interrompe o processo de metabolismo entre os humanos e a natureza. Por outro lado, aparece uma idéia da revolução como simples mudança das relações de produção “que se transformaram em obstáculos ao livre desenvolvimento das forças produtivas” – como se estas, em sua forma presente, não fossem elas também moldadas e estruturadas pela lógica do capital. Parece-me necessário, então, aplicar às forças produtivas, de um ponto de vista ecossocialista, o argumento que Marx utilizava a propósito da Comuna de Paris: os trabalhadores não podem se apropriar do aparelho de Estado existente (burguês), e colocá-lo a seu serviço; mais além, tem de quebrá-lo e substituí-lo por outra forma de poder político. O mesmo vale, *mutatis mutandis*, para o aparelho produtivo capitalista: não pode ser simplesmente apropriado pelos trabalhadores, mas tem que sofrer

² Para Foster, inclusive, a admissão, por parte de alguns marxistas (e aqui ele se refere inclusive a você), de que a obra de Marx teria sido marcada, em alguns aspectos, por uma visão produtivista da história, comporta, segundo ele, “certos pressupostos antimodernistas (pós-modernistas ou pré-modernistas) que se tornaram sacrossantos dentro de boa parte da Teoria Verde”. Segundo ele, ao identificar Marx e o marxismo como uma espécie “versão extrema” de modernismo, “o verdadeiro ambientalismo, parece, demanda nada menos que a rejeição da própria modernidade”.

uma radical transformação, em sua tecnologia, em suas fontes de energia, em sua estrutura fundamental.

Para Fredric Jameson (*O inconsciente político*), a grande “vocação” da dialética seria, transcendendo a oposição ética entre o bem e o mal, antever nas entranhas da ideologia a existência e as possibilidades da utopia. A utopia aparece assim como parte elementar do método dialético, como antecipação necessária de um futuro possível. O que você acha desta postura metodológica?

Estou de acordo com Jameson quando ele afirma que a dialética tem por vocação descobrir os momentos utópicos que se encontram “nas entranhas” da sociedade atual e em suas manifestações ideológicas. Ernst Bloch já havia sugerido idéias semelhantes, ao apontar para o potencial utópico de formas culturais como a literatura popular, os folhetins, as operetas, as canções, os mitos. Entretanto, não me parece que com isto “transcendemos a oposição ética entre o bem e o mal”: é de um ponto de vista ético que rejeitamos a infâmia, a injustiça e a desumanidade do capitalismo, e buscamos sementes utópicas de uma sociedade de seres humanos livres e solidários.

A noção de modernidade, como construída por você, comporta uma dimensão weberiana inegável, conseqüência de sua defesa da subsunção, por parte do marxismo, das melhores contribuições da tradição sociológica acadêmica. Ao que parece, a intensidade da potencialidade revolucionária das figuras e dos movimentos sócio-culturais (marxistas ou não) coincide com a força com que se opõem à modernidade (ou ao que você chama de “barbárie moderna”), definida como a ampliação em grandes escalas da racionalização e da reificação mercantil, na linha-mestra do “marxismo weberiano” já presente em *História e Consciência de Classe*. Você concorda com esta interpretação?

A modernidade tem de ser vista dialeticamente, como já apontava a Escola de Frankfurt; por um lado, temos as conquistas da Filosofia das Luzes e da Revolução Francesa, os valores modernos de liberdade, igualdade e fraternidade. Por outro lado, o “progresso” da civilização industrial capitalista moderna, que produziu Auschwitz e Hiroshima, e que está nos levando, com uma rapidez crescente, a um desastre ecológico de proporções inéditas. O conceito weberiano de “racionalidade instrumental” (*Zweckerationalität*), reinterpretado em termos marxistas por Adorno e Horkheimer, permite uma crítica radical da civilização capitalista, uma civilização na qual esta racionalidade estreita e mesquinha pode ser facilmente colocada a serviço de finalidades irracionais, desde a acumulação ilimitada do capital, até as

guerras imperiais ou os genocídios.

De diferentes formas, Lukács, Ernst Bloch, Erich Fromm e a Teoria Crítica souberam utilizar os conceitos de Weber para desenvolver uma crítica marxista da reificação, burocratização e alienação que resultam da racionalidade capitalista moderna.

Fredric Jameson (2005) afirmou certa vez que “a noção de reificação de Lukács tem mais em comum com Weber do que com o conceito original marxista”. István Mészáros, em *O Poder da Ideologia*, sustenta a idéia de que a racionalidade moderna weberiana dilui, através de um processo ideologicamente conveniente, a contradição mais importante do sistema capitalista: a determinação estrutural do conflito dinâmico e latente entre as classes antagônicas. O que você acha dessa idéia?

Estou de acordo com Mészáros, cujas análises me parecem sempre interessantes, quando ele afirma que o conceito de racionalidade moderna em Weber ignora o conflito de classes. Mas nada impede a possibilidade de se reformular a problemática weberiana, reinterpretando-a em chave marxista, como o fez Lukács através do conceito de reificação. Em Lukács, a reificação está estreitamente relacionada com o conflito de classes: enquanto o pensamento burguês é inevitavelmente prisioneiro das categorias petrificadas da reificação, o proletariado, por sua própria condição de ser humano que resiste à sua transformação em simples mercadoria (“coisa”), tem a possibilidade de romper com as formas de pensamento reificadas. Esta possibilidade se transforma em realidade no curso do processo de luta dos trabalhadores. O conceito lukacsiano de reificação (*Versachlichung*) é, portanto, uma síntese dinâmica e produtiva das análises de Marx sobre o fetichismo da mercadoria e das proposições de Weber sobre a “petrificação” das sociedades modernas.

Por fim, por onde deveria caminhar uma nova “corrente quente” (Ernst Bloch) do marxismo nos dias de hoje?

Gostaria de responder a partir de uma perspectiva *latino-americana*: formas romântico-revolucionárias de crítica da civilização, e paisagens-de-desejo utópicas (Ernst Bloch) configuram várias manifestações desta “corrente quente” na América Latina de hoje. O *cristianismo da libertação*, que tem muito em comum com a “teologia da revolução” de que falava Bloch em seu belíssimo livro sobre Thomas Münzer (1921), é um exemplo evidente, que contribuiu, em grande medida, para formar o *ethos* cultural e a “mística” dos movimentos sociais e das lutas populares das últimas décadas, desde a revolução sandinista de 1979 até o Movimento dos Sem Terra (MST) no Brasil. Os *movimentos indígenas*, na vanguarda da luta pela

transformação social em Chiapas - o levante zapatista -, na Bolívia, no Equador e em outros países, constituem uma outra modalidade de “corrente quente”, que se inspira nas práticas comunitárias do passado pré-colombiano para pensar uma nova sociedade, livre da exploração dos homens e da degradação da natureza pela civilização capitalista. Enfim, o movimento *ecológico*, que tem nas duas manifestações acima mencionadas boa parte de sua base social, pode também, em suas correntes mais radicais - no sentido da perspectiva ecossocialista -, ser considerado como uma busca de alternativas utópico-revolucionárias ao produtivismo capitalista destruidor da natureza.

Como bem observara Ernst Bloch, o marxismo comporta dois elementos indissociáveis: a análise científica e impiedosa do sistema capitalista (a “corrente fria”) e as imagens-de-desejo (*Wunschbilder*) utópicas - a “corrente quente”. Ambas são necessárias para o desenvolvimento de uma perspectiva socialista, mas a primeira deve estar sempre a serviço da segunda...

Bibliografia

- FOSTER, B. J. (2005). *A ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- JAMESON, F. (2005). *Modernidade singular: ensaios sobre a ontologia do presente*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____. (1992). *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Editora Ática: São Paulo.
- LÖWY, M. (2002). *A Teoria da Revolução no Jovem Marx*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2000). Barbárie e modernidade no século XX. In: BENSAÏD, D. & LÖWY, M. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã.
- _____. (2005). *Ecologia e socialismo*. São Paulo: Cortez Editora.
- LÖWY, M. & SAYRE, R. (1995). *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- LUKÁCS, G. (2003). *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes.
- MÉSZÁROS, I. (1996). *O poder da ideologia*. São Paulo: Editora Ensaio.